



I

Anthony Patch

Em 1913, quando Anthony Patch chegou aos 25, tinham já passado dois anos desde que a ironia, o Espírito Santo da época, descera sobre ele, pelo menos teoricamente. A ironia foi o brilho último do sapato, a escovadela final no vestuário, uma espécie de chamada intelectual. Porém, no início desta história, ele não havia ido ainda além da fase consciente. No momento em que o conhecemos costumava pensar com frequência se não era uma criatura sem dignidade e um pouco louca, uma coisa frágil e obscena que cintilava na superfície do mundo como óleo num lago claro; essas ocasiões alternavam, naturalmente, com outras em que se julgava um jovem excepcional, extremamente requintado, bem adaptado ao seu meio e um pouco mais expressivo do que qualquer dos seus pares.

Era nesses momentos de euforia, quando a alegria o dominava, que se tornava muito atraente aos olhos dos homens inteligentes e de todas as mulheres. Julgava-se, então, capaz de realizar um dia alguma coisa subtil que os eleitos suporiam valiosa, reunindo-se, assim, às estrelas mais vagas num céu nebuloso, indeterminado, a meio caminho entre a morte e a imortalidade. Até que chegasse o momento desse esforço, seria Anthony Patch — não um retrato de homem, mas uma personalidade diferente e dinâmica, com opiniões, sobrançeria, funcionando de dentro para fora —, um homem consciente de que não podia haver honra e que no entanto era honrado, que conhecia o sofisma da coragem e no entanto era corajoso.



Um Homem Digno e o Seu Filho Talentoso

Pelo facto de ser neto de Adam J. Patch, Anthony experimentava a sensação de segurança social que experimentaria se a sua ascendência remontasse aos cruzados, além-mar. Isto é inevitável. Por muito que pese aos virginianos e aos bostonianos, a aristocracia baseada simplesmente no dinheiro exige a riqueza como condição essencial.

Adam J. Patch, mais conhecido familiarmente como Cross Patch, abandonou a fazenda do seu pai, em Tarrytown, nos princípios de 1861, para se alistar num regimento de cavalaria de Nova Iorque. Voltou da guerra como major, atacou Wall Street e, no meio de muito ruído, fumo, aplausos e má vontade, conseguiu ganhar cerca de 75 milhões de dólares.

Isso consumiu-lhe as energias até aos 57 anos. Foi então que decidiu, depois de um sério ataque de esclerose, consagrar o resto da sua vida à regeneração moral do mundo. Tornou-se um reformador entre reformadores. Competindo com os magníficos esforços de Anthony Comstock, cujo nome dera ao neto, desferiu uma variedade de *uppercuts* e duros golpes contra a bebida, a literatura, o vício, a arte, as panaceias e os espectáculos teatrais ao domingo. O seu pensamento, sob a influência daquele míldio insidioso que acaba por se formar em todos, excepto nos eleitos, ocupou-se furiosamente de todas as indignidades da época. De uma cadeira de braços, no escritório da sua propriedade em Tarrytown, lançou e dirigiu contra o colossal hipotético inimigo — a iniquidade — uma campanha que durou quinze anos, e durante a qual se revelou um monomaniaco fanático e um maçador intolerável. No ano em que começa a nossa história ele cansava-se; a sua campanha tornara-se irregular; 1861 confundia-se lentamente com 1895; os seus pensamentos ocupavam-se muito da Guerra Civil, um pouco da sua mulher e do filho, mortos, e, em proporções quase infinitesimais, do seu neto, Anthony.

No princípio da sua carreira, Adam Patch casara com uma anémica senhora de 30 anos. Alicia Withers, que lhe proporcionara 100 000 dólares e uma entrada impecável nos círculos bancários de Nova Iorque. Imediatamente, e num assomo de coragem, ela dera-lhe um filho e, como se tivesse ficado completamente esgotada pela grandiosidade desse feito, apagou-se a partir de então nas penumbrosas dimensões do quarto de brinquedos. O rapaz, Adam Ulysses Patch, tornou-se um membro inveterado de clubes, um apreciador de coisas boas, um condutor de cabriolés — e na surpreendente idade de 26 anos iniciou a redacção das suas memórias sob o título *A Sociedade de Nova Iorque como A Conheci*. Ao circularem rumores sobre a sua concepção, esse trabalho foi ansiosamen-

te disputado pelos editores, mas após a morte do autor verificou-se ser de uma verbosidade imoderada, extremamente insípido, e jamais foi publicado, nem em edição particular.

Esse Chesterfield da Quinta Avenida casou aos 22 anos com Henrietta Lebrune, «contralto da sociedade» de Boston, e o único fruto da união foi, a pedido do avô, batizado com o nome de Anthony Comstock Patch. Quando partiu para Harvard, o Comstock caiu-lhe do nome para as profundezas do inferno do esquecimento e nunca mais se ouviu falar dele.

O jovem Anthony tinha um retrato dos pais, juntos — e vira-o tantas vezes, na infância, que este adquirira a impessoalidade dos móveis. Porém, quem entrasse no seu quarto olhava-o com interesse. Via-se nele um *dandy* de 1890, vistoso, ao lado de uma senhora alta e sombria, com um regalo e a sugestão de um pufe. Entre eles, um menino de longas madeixas castanhas, com um fato de veludo estilo Lorde Fauntleroy. Era Anthony aos 5 anos, quando lhe morrera a mãe.

As suas lembranças do contralto da sociedade de Boston eram nebulosas e musicais. Era a dama que cantava, cantava, cantava na sala de música da sua casa em Washington Square — por vezes com os convidados postados em redor, os homens de braços cruzados, equilibrados na beira dos sofás com a respiração suspensa, as mulheres com as mãos no colo, murmurando ocasionalmente frases rápidas aos homens e aplaudindo sempre com animação, soltando exclamações depois de cada melodia —, e que com frequência cantava somente para Anthony, em italiano, francês ou num dialecto estranho e terrível que ela julgava ser o do negro sulista.

As suas recordações do galante Ulysses, o primeiro homem na América a dobrar as lapelas do casaco, eram muito mais vivas. Depois de Henrietta Lebrune Patch «se juntar a outro coro», como o viúvo observava secamente de tempos a tempos, pai e filho viveram com o avô, em Tarrytown, e Ulysses ia diariamente ao quarto de Anthony dizer palavras agradáveis e de odor forte, por vezes durante uma hora. Prometia continuamente a Anthony caçadas e pescarias, uma viagem a Atlantic City, «daqui a alguns dias»; todavia, nenhuma destas excursões se realizara. Fizeram uma viagem, quando Anthony tinha 11 anos, a Inglaterra e à Suíça, onde, no melhor hotel de Lucerna, o pai morreu, suando e grunhindo muito, gritando por ar. Num desespero e terror pânicos, trouxeram Anthony de regresso à América, marcado por uma melancolia vaga que não o abandonaria durante o resto da vida.

Passado e Pessoa do Herói

Aos 11 anos sentiu horror da morte. No decorrer de seis impressionáveis anos, os pais haviam morrido e a avó apagara-se quase imperceptivelmente até que, pela primeira vez desde o seu casamento, ela teve durante um dia indiscutida supremacia na sala de visitas. Para Anthony, portanto, a vida era uma luta contra a morte, que espreitava em cada canto. Como concessão à sua imaginação hipocondríaca adquiriu o hábito de ler na cama — uma coisa que o acalmava. Lia até se fatigar, e por vezes adormecia com as luzes acesas.

A sua distração favorita, até aos 14 anos, foi uma colecção de selos, enorme, tão completa quanto o poderia ser a colecção de um menino — o avô julgava, ingenuamente, que com isso aprendia geografia. Anthony mantinha, dessa maneira, correspondência com meia dúzia de firmas especializadas, e era raro que o correio não lhe trouxesse novos selos ou pacotes com álbuns reluzentes — sentia um fascínio misterioso em transferir as suas aquisições, interminavelmente, de um livro para outro. Os selos constituíam a sua maior felicidade, e lançava olhares impacientes a quem interrompia a sua ocupação; devoravam-lhe a mesada e mantinham-no desperto à noite, cismando incansavelmente na sua variedade e no seu esplendor multicolor.

Até aos 16 anos viveu quase inteiramente ensimesmado, um rapaz silencioso, nada americano, cortesmente espantado diante dos seus contemporâneos. Os dois anos precedentes passara-os na Europa com um preceptor, que o convencera de Harvard ser a escola indicada — «abriria as portas», seria um tónico formidável, dar-lhe-ia numerosos amigos dedicados e abnegados. Foi para Harvard, portanto, pois não havia outra coisa lógica a fazer.

Esquecido do sistema social, viveu algum tempo sozinho, e sem que o procurassem, num quarto alto em Beck Hall — um rapaz moreno, magro, de estatura mediana, com boca tímida e sensitiva. A sua mesada era mais que liberal. Estabeleceu as bases de uma biblioteca adquirindo a um bibliófilo ambulante primeiras edições de Swinburne, Meredith e Hardy e uma carta autógrafa, amarelada e ilegível, de Keats, verificando mais tarde que pagara um preço deveras excessivo. Tornou-se um *dandy* requintado, reuniu uma colecção patética de pijamas de seda, de roupões de brocado e de gravatas demasiado vistosas para usar. Com esses adornos secretos desfilava defronte do espelho do seu quarto ou estendia-se, vestido de cetim, na sua cadeira ao lado da janela, olhando para o pátio e escutando o clamor indistinto, ao qual parecia que nunca juntaria a sua voz.

De maneira curiosa, porém, descobriu no último ano que adquirira uma certa posição na sua turma. Compreendeu que o consideravam uma figura romântica, um estudioso, um recluso, uma torre de erudição. Isso divertia-o, mas secretamente agradou-lhe. Começou a sair, a princípio um pouco, depois com mais frequência. Bebia discretamente, e na tradição adequada. Dizia-se que, se não tivesse ido tão jovem para a universidade, poderia «ter feito um curso brilhante». Em 1909, quando tinha apenas 20 anos, licenciou-se.

Foi novamente ao estrangeiro. Roma dessa vez, onde se distraiu com a arquitectura e com a pintura; consecutivamente, passou ao violino e escreveu alguns sonetos italianos horríveis, supostamente as elucubrações de um monge do século XIII sobre as alegrias da vida contemplativa. Tornou-se hábito entre os seus amigos de Harvard supô-lo em Roma, e os que viajaram até Itália naquele ano visitaram-no, descobrindo com ele, em excursões em noites de luar, muitos aspectos da cidade mais antigos do que a Renascença ou mesmo que a República. Maury Noble, de Filadélfia, por exemplo, passou com ele dois meses, e juntos descobriram o encanto peculiar das mulheres latinas e tiveram a deliciosa sensação de se ser jovem e livre numa civilização muito antiga e livre. Não foram poucos os conhecidos do seu avô que o procuraram, e, se o tivesse desejado, seria *persona grata* nos círculos diplomáticos. Na verdade, descobriu que as suas inclinações tendiam cada vez mais para a jovialidade, mas que a longa insociabilidade da adolescência e a consequente timidez ainda determinavam a sua conduta.

Voltou à América em 1912 devido a uma das súbitas doenças do avô e, depois de uma conversa demasiado fatigante com o velho perpetuamente convalescente, resolveu adiar, até que ele morresse, a ideia de viver permanentemente no estrangeiro. Após uma procura prolongada, alugou um apartamento na Rua Cinquenta e Dois e, segundo todas as aparências, instalou-se.

Em 1913 o processo de ajustamento de Anthony Patch ao Universo estava em fase de conclusão. Fisicamente, melhorara desde a época de estudante — era ainda bastante magro, mas os ombros haviam alargado e o rosto moreno perdera a expressão atemorizada do ano de caloiro. Era metódico em segredo e bem apresentado em pessoa: os amigos declaravam nunca tê-lo visto despenteado. Tinha o nariz bicudo de mais; a boca, um daqueles infelizes espelhos do estado de espírito, inclinava-se perceptivelmente em momentos de tristeza, mas os olhos azuis eram encantadores, quer abertos com inteligência, quer semicerrados numa expressão de melancolia.